



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Um lugarzinho para benefício das crianças: Lições homiléticas do século XIX

A little place for the benefit of children: Homiletical lessons of the nineteenth century

Vanessa Meira*

Isaac Malheiros**

Resumo

Esse artigo fará uma reflexão sobre uma das formas de participação da criança no culto cristão – como ouvinte do sermão regular. É desafiador dirigir reuniões congregacionais de modo que a criança não seja ignorada nem fique oculta. Algumas comunidades cristãs têm optado por fragmentarem a congregação no momento do sermão, retirando as crianças do espaço comum e direcionando-as a um espaço e culto paralelo. Neste artigo, através de pesquisa bibliográfica, serão analisados os conceitos homiléticos de Ellen White, escritora adventista do século XIX que insistia na inclusão e na valorização das crianças no momento do culto congregacional, especialmente o momento do sermão. O artigo revelará como as observações de Ellen White feitas aos pregadores no século XIX podem ser consideradas contemporâneas, fazendo algumas interseções com conceitos atuais como a “teologia narrativa” e a “teologia da criança”.

Palavras-chave

Homilética. Teologia das crianças. Teologia narrativa. Ellen White.

Abstract

This article will reflect on one of the forms of child participation in christian worship - as a listener of the sermon. To lead congregational meetings without ignoring children it's a challenge. Some christian communities have chosen to fragmenting the congregation at the time of the sermon, taking children out of the common area and directing them to a parallel worship service. In this paper, through bibliographic review, the homiletic concepts of Ellen White will be analyzed. She was a nineteenth-century writer who insisted on the inclusion and appreciation of children in the congregational worship, especially on the sermon. This article will reveal how the comments of Ellen White to the preachers in the nineteenth

[Texto recebido em setembro de 2015 e aceito em dezembro de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Pedagoga, mestranda em Teologia na Faculdades EST (São Leopoldo/RS), na área de Religião e Educação, integrante do grupo de pesquisa em Currículo, identidade religiosa e práxis educativa, bolsista da CAPES – entidade governamental brasileira de incentivo à pesquisa científica e à formação de recursos humanos. E-mail: vanessarmeira@gmail.com

** Mestre em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo/RS, doutorando em Teologia na mesma instituição, São Leopoldo-RS, bolsista da CAPES – entidade governamental brasileira de incentivo à pesquisa científica e à formação de recursos humanos. E-mail: pr_isaac@yahoo.com

century can be considered contemporary, doing some intersections with current theological concepts as "narrative theology" and the "child theology movement".

Keywords

Homiletics. Child theology. Narrative theology. Ellen White.

Considerações Iniciais

Pregadores que têm o compromisso de falar a pessoas de todas as idades enfrentam um difícil desafio. Nesses dias de “especialização”, é muito mais fácil criar um “culto infantil” em lugar separado, criando subcomunidades de indivíduos na mesma fase da vida do que lidar com uma comunidade de idades diversificadas. Se um pregador tenta se justificar dizendo "Eu nunca falei para crianças!", o mais provável é que ele nunca tenha reparado nas crianças de sua igreja, que estão lá semanalmente para ouvi-lo. Para muitos pregadores, é como se na hora do sermão as crianças se tornassem invisíveis, ou fossem uma parte alijada do corpo eclesial. É desafiador dirigir reuniões congregacionais de modo que a criança não fique oculta. Esse artigo fará uma reflexão sobre uma das formas de participação da criança no culto cristão – como ouvinte do sermão regular. O artigo revelará como as observações de Ellen White feitas aos pregadores no século XIX, analisadas aqui como conceitos homiléticos, podem ser consideradas contemporâneas.

Ellen G. White¹ foi uma escritora estadunidense que viveu a maior parte de sua vida durante o século XIX (1827-1915). Foi cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), seus escritos são considerados desde meramente polêmicos até divinamente inspirados, e continuam despertando o interesse e dividindo opiniões de milhões de pessoas ao redor do mundo. Além de prolífica escritora, Ellen White foi uma oradora extremamente requisitada, tornando-se uma comunicadora bastante conhecida nos Estados Unidos, na Europa e na Austrália. Ela pregava, dava aulas e palestras, em reuniões adventistas e também para o público em geral. Falava sobre temas bíblicos, educação e temperança. Em 1876, ela falou por mais de uma hora para seu maior auditório, estimado em 20 mil pessoas, em Groveland, Massachusetts, sem microfone. Em seus textos é possível encontrar diversas orientações direcionadas aos pregadores adventistas. Dentre essas orientações, uma especialmente chama a atenção: a valorização das crianças como alvo dos sermões. Ellen White adverte os pregadores adventistas a seguirem o exemplo de Jesus e não desprezarem os pequenos. Segundo ela, a história do amor de Jesus deveria ser repetida às crianças em todas as ocasiões oportunas, e cada sermão deveria reservar "um lugarzinho para benefício delas":

¹ Esse resumo biográfico foi feito com base nas informações encontradas em DOUGLASS, Herbert. *Mensageira do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

Quando Jesus advertiu a Seus discípulos que não desprezassem os pequenos, *dirigia-Se a todos os discípulos de todos os séculos*. Seu próprio amor e cuidado em favor das crianças é um precioso exemplo para os Seus seguidores. [...] Repita-se às crianças em todas as ocasiões oportunas, a história do amor de Jesus. *Deixe-se em cada sermão um lugarzinho para benefício delas.*²

A expressão "em todas as ocasiões oportunas" certamente inclui o momento da prédica nas reuniões e cultos da igreja. Isso fica claro na sugestão de se deixar em cada sermão um "lugarzinho para benefício delas". O pregador não precisa dedicar o sermão inteiro às crianças, mas em alguns tópicos, através de ilustrações ou histórias, ele pode deixar uma impressão duradoura nas mentes infantis. Para White, o pregador não pode perder nenhuma oportunidade de ajudar as crianças "a se tornarem mais inteligentes no conhecimento das Escrituras", e a "cedo se familiarizam com as verdades da Palavra de Deus", a ponto de poderem "enfrentar o inimigo com as palavras: 'Está escrito'".³

A pregação excludente

Crianças têm sido tratadas como um estorvo no culto em muitas comunidades. Elas fazem barulho, choram, se movimentam, provocam riso, distraem a atenção de outras pessoas, querem sair para beber água e para ir ao banheiro. No momento do sermão, o "problema" parece agravado, pois se considera que elas podem atrapalhar até mesmo o pregador, desconcentrando e distraindo. Diante desse quadro, os pregadores tendem a simplesmente ignorar as crianças, excluindo-as dos objetivos de sua prédica. A pregação da igreja do século XXI não pode ser excludente, impedindo os pequeninos de se aproximarem do Cristo. Falar do cuidado e do amor de Deus e excluir a criança do culto são coisas incompatíveis.

Além dessa exclusão pela "invisibilidade", há a exclusão física, quando as crianças são retiradas da congregação na hora do sermão e levadas para outro ambiente para terem o seu "cultinho". Assim, durante o sermão, a congregação não se congrega mais, e formam-se subgrupos sob a responsabilidade de especialistas para lidar com cada faixa etária. Formam-se várias congregações paralelas, cada uma com o seu pregador-especialista. Nesse modelo, é possível que os estacionamentos das igrejas sejam o único lugar onde haja, de fato, uma "congregação" daqueles que vão às reuniões da igreja. As famílias já são forçosamente separadas ao longo da semana pelas atividades cotidianas, o momento da celebração congregacional não deveria se render a essa pressão hodierna. O culto cristão, nesse ponto, deveria ser contracultural.

² WHITE, Ellen. *Conselhos sobre a Escola Sabatina*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004. p. 76. Ênfase acrescentada.

³ WHITE, Ellen. *Obreiros evangélicos*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007. p. 208.

Deixar “em cada sermão um lugarzinho para benefício delas” contribui para a celebração de um culto cristão congregacional onde as crianças são incluídas. O culto cristão é celebração da fé da comunidade, onde ocorre instrução para as crianças também (Dt 6:7). Por que retirar crianças do templo no momento da pregação? Se o orador fosse Jesus Cristo ou um dos apóstolos, será que algum pai autorizaria que se retirassem seus filhos do local no momento da pregação? E alguém ousaria repreender os que trouxessem crianças para o auditório nesse momento? Essa exclusão causaria alguma reação em Jesus (Mc 10:13-14)? Em algumas denominações, crianças já são consideradas membros oficiais da igreja, participantes ou não da ceia. Pensar na criança como sujeito integrante da comunidade de fé poderá exigir alguma reformulação litúrgica, além da adequação do sermão. Tornar o culto uma expressão de fé significativa para a criança é reconhecê-las como parte da Igreja e cidadãos do Reino de Deus. Esse é um conceito encontrado nos textos de Ellen White.

Criança também é gente

Ellen White denunciou em seu tempo a negligência na educação religiosa de crianças e juvenis. Segundo ela, apesar dos esforços nesse sentido, ainda havia uma grande lacuna, deixada tanto pelos ministros quanto pelos membros da igreja em geral.⁴ Crianças precisam ser educadas, disciplinadas e pacientemente instruídas, não um preparo casual ou uma ocasional palavra de animação. A instrução religiosa deveria ser uma “obra acurada, cuidadosa, secundada pela oração”.⁵ Para White, as crianças não deveriam postergar o início de sua vida religiosa até uma futura idade supostamente ideal. Ela cria que, quando instruídas de maneira apropriada, as crianças seriam capazes de compreender seu estado como pecadoras, bem como o caminho da salvação por meio de Cristo.⁶

Na compreensão de White, as crianças já têm capacidade de entender a relação entre o sofrimento, a provação e a futura recompensa de sua fidelidade. Elas devem ter a mente impressionada “com o fato de que o Senhor os está provando nesta vida, para ver se Lhe obedecem com amor e reverência”.⁷ A mente em expansão das criancinhas já pode compreender “muitos dos ensinamentos de Cristo, e é susceptível de ser ensinadas a amá-Lo com toda a sua ardente afeição”.⁸

⁴ WHITE, 2004, p. 77.

⁵ WHITE, 2004, p. 77.

⁶ “Não ensineis as crianças com referência a algum tempo, no futuro, em que elas terão idade bastante para se arrepender e crer na verdade. Quando instruídas de maneira apropriada, crianças muito pequenas poderão ter corretos pontos de vista quanto a seu estado como pecadoras e ao caminho da salvação, por meio de Cristo”. WHITE, 2004, p. 79.

⁷ WHITE, 2004, p. 78.

⁸ WHITE, Ellen. *Educação*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977. p. 58.

As crianças são sujeitos ativos, protagonistas na missão da igreja. Elas devem aprender o conteúdo doutrinário da Bíblia, serem "armadas com a revelação da Palavra de Deus", a ponto de serem "capazes de dizer o que está escrito nas Escrituras da verdade". E essa responsabilidade de educar religiosamente as crianças passa obrigatoriamente pelo pastor/pregador: "Ensine-se a verdade a nossas crianças. [...] Com lábios tocados pela brasa do altar celestial, fale o ministro as palavras de vida que penetrarão o coração e a alma [...]."⁹

Em um artigo publicado em 1896, os pastores foram desafiados a se interessarem mais pelas crianças. Utilizando como texto básico o apelo de Jesus em Mateus 19:14 ("Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas"), os ministros são orientados a tomarem as crianças nos braços, abençoá-las e falar-lhes palavras do mais terno amor.¹⁰ Além disso, White recomenda que o pregador se interesse pessoalmente pelas crianças, a ponto de "fazer desses pequeninos, amigos duradouros".¹¹ Na visão de White, aqueles que não amam as crianças ou que com elas não têm paciência "são dignos de lástima, pois não possuem a mente de Cristo".¹²

Por trás dessas orientações há um conceito que não subestima as crianças, que evoca alguns princípios da contemporânea "teologia das crianças".¹³ Deus vê na criança "o homem ou mulher não desenvolvidos, com capacidade e poderes que [...] se tornarão o instrumento humano pelo qual as influências divinas podem cooperar, para serem coobreiros de Deus".¹⁴ A infância não é um tempo apenas de aprendizado passivo, mas pode ser um período de protagonismo, dedicado a atividades humanitárias e de evangelismo. A visão elevada de White para as crianças é: "cada jovem, cada criança, tem uma obra a fazer para honra de Deus e erguimento da humanidade".¹⁵

As esparsas orientações homiléticas de Ellen White, quando compiladas, podem ser assim expressas: o pregador que conseguir cativar crianças conseguirá cativar qualquer público. Ao pensar nas crianças presentes no auditório, o orador buscará a simplicidade, a brevidade e a interatividade – uma receita para um bom sermão. Essa associação entre o pensar nas crianças e o bom sermão está clara na seguinte citação:

⁹ WHITE, 2004, p. 78.

¹⁰ WHITE, Ellen. *Evangelismo*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997. p. 349.

¹¹ WHITE, 2007, p. 208.

¹² WHITE, 1977, p. 58.

¹³ A *Teologia das crianças* é um movimento mundial, ainda novo na América Latina, que critica o "adultocentrismo" das instituições eclesiais, e busca pensar na criança como protagonista do fazer teológico da comunidade cristã. Para mais informações, ver FASSONI, K.; DIAS, L.; PEREIRA, W. *Uma criança os guiará: por uma teologia da criança*. Viçosa: Ultimato, 2010; e também SEGURA, Harold; PEREIRA, Welinton (orgs.). *Para falar de criança: teologia, bíblia e pastoral para a infância*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012.

¹⁴ WHITE, 2004, p. 124.

¹⁵ WHITE, 1977, p. 58.

Tornai claras as vossas explanações; pois sei que muitos há que não compreendem muitas das coisas que se lhes dizem. Que o Espírito Santo molde e afeioe vosso discurso, purificando-o de toda escória. *Falai como a crianças*, lembrando-vos de que há muitos bem avançados em anos, que não passam de crianças no entendimento.¹⁶

É possível compilar, a partir dos textos de Ellen White, algumas orientações homiléticas que apontam na direção de sermões mais inclusivos para crianças e juvenis.

Conteúdo cristocêntrico

Como regra geral, independentemente da idade dos ouvintes, Ellen White recomenda que os sermões tenham conteúdo "cristocêntrico". Ela condena os "sermões insuficientes para a alma faminta" que não tocam a mente e nem criam fervor no coração pela manifestação da presença divina. Em sua denúncia, White chega a dizer que a maioria dos sermões não possui "poder para despertar o pecador ou convencer as pessoas do pecado".¹⁷

Na pregação, a primeira e mais importante coisa a fazer é "abrandar e subjugar a alma, apresentando o nosso Senhor Jesus Cristo como o Salvador que perdoa pecados".¹⁸ Nesse ponto, a orientação de Ellen White é radical e inegociável: "Jamais deveria ser pregado um sermão, ou apresentada instrução bíblica sobre qualquer assunto, sem que os ouvintes fossem encaminhados ao 'Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.' João 1:29".¹⁹ Mesmo os sermões expositivos, mais densamente doutrinários, deveriam apresentar Cristo, pois "toda verdadeira doutrina torna a Cristo o centro, todo preceito recebe força de Suas palavras".²⁰ E até mesmo as exortações mais duras e as denúncias mais fortes do pecado deveriam conter essa essência graciosamente cristã:

Mantenham diante do povo a cruz do Calvário. Mostrem o que causou a morte de Cristo – a transgressão da lei. Não seja encoberto o pecado, ou tratado como coisa de pouca importância. Deve ele ser apresentado como agressão contra o Filho de Deus. Então indiquem Cristo às pessoas, contando-lhes que a imortalidade advirá tão-somente [sic] ao O receberem como seu Salvador pessoal.²¹

A prédica que inclua crianças como alvo deve ter essas características cristocêntricas, descritas com linguagem forte e quase poética por Ellen White:

¹⁶ WHITE, 1997, p. 175. Ênfase acrescentada.

¹⁷ WHITE, Ellen. *Testemunhos para a igreja*. Vol 6. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005. p. 53.

¹⁸ WHITE, 2005, p. 54.

¹⁹ WHITE, 2005, p. 54.

²⁰ WHITE, 2005, p. 54.

²¹ WHITE, 2005, p. 54.

Exaltai a Jesus, vós que ensinai o povo, exaltai-O nos sermões, em cânticos, em oração. Que todas as vossas forças convirjam para dirigir ao 'Cordeiro de Deus' almas confusas, transviadas, perdidas. Erguei-O, ao ressuscitado Salvador, e dizei a todos quantos ouvem: Vinde Àquele que 'vos amou, e Se entregou a Si mesmo por nós'. Efésios 5:2. Seja a ciência da salvação o tema central de todo sermão, de todo hino. Seja ele manifestado em toda súplica. Não introduzais em vossas pregações coisa alguma que seja um suplemento a Cristo, a sabedoria e o poder de Deus. Mantende perante o povo a Palavra da vida, apresentando Jesus como a esperança do arrependimento e a fortaleza de todo crente. Revelai o caminho da paz à alma turbada e acabrunhada, e manifestai a graça e suficiência do Salvador.²²

A aplicação prática

O conteúdo do sermão inclusivo pode ser doutrinário. No entanto, os ministros não deveriam pregar apenas temas doutrinários, mas incluir o que White chama de "piedade prática", a aplicação do tema à vida diária. Curiosamente, a justificativa (escrita em 1908) é que "é mais difícil atingir o coração dos homens hoje em dia, do que foi há vinte anos. Os argumentos mais convincentes podem ser apresentados, e não obstante, os pecadores parecerem estar tão distantes da salvação como nunca".²³ Percebe-se que a aridez teórica não eram popular desde o início do século XX.

O equilíbrio entre a exposição teórica e a aplicação prática é uma característica do sermão inclusivo. Ellen White enfatiza a importância dos discursos teóricos, "para que o povo veja a cadeia da verdade, elo após elo, ligando num todo perfeito". No entanto, ela diz que "os ministros alcançariam mais corações, se salientassem mais a piedade prática".²⁴

Para White, a pregação é instrumento para a inclusão mais ampla de crianças e jovens na vida cristã em geral, além do culto e do sermão. A pregação deve vir acompanhada de algum desafio prático para os mais novos (além da aplicação utilizada nas ilustrações do sermão). Nesse ponto, os pastores deveriam aplicar "toda a sua inteligência", idealizando planos para despertar o vivo interesse de crianças e jovens.²⁵

Diante de um auditório heterogêneo, que inclua crianças, esse é um conselho valioso, pois crianças atentam para questões práticas. Segundo Smirnov e Gonobolin, a existência do interesse e da emoção no processo de aprendizagem é condição essencial da atenção voluntária na criança. A atenção voluntária da criança aparece quando o tema é

²² WHITE, 2007, p. 159-160.

²³ WHITE, 1997, p. 178.

²⁴ WHITE, 2007, p. 158.

²⁵ WHITE, 2005, p. 435.

exposto de maneira concreta, viva, compreensiva e dinâmica, com a utilização de materiais demonstrativos.²⁶

O uso de ilustrações e narrativas

O uso de ilustrações é recomendado como um dos métodos de Cristo. Segundo White, Jesus ilustrava suas lições tão claramente que até os ouvintes mais ignorantes conseguiam aproveitar algo do que ouviam. Ele não usava palavras difíceis, mas linguagem simples, adequada ao espírito do povo comum, e "não ia, no assunto que expunha, mais longe do que eles O poderiam acompanhar".²⁷ As ilustrações devem falar por si mesmas, tendo um sentido facilmente compreensível.²⁸ A virtude da ilustração está na capacidade de se comunicar com clareza, conquistando o maior número possível de interlocutores.

Uma boa fonte de ilustrações é a própria Bíblia, com suas histórias e parábolas. As histórias da Bíblia são um sinal de que "nosso Pai celestial, ao dar Sua Palavra, não deixou despercebidas as crianças".²⁹ Para White, contar as histórias bíblicas pode ajudar a esclarecer os grandes princípios da lei de Deus às crianças.

O uso de histórias bíblicas está no centro da atual discussão da "teologia narrativa".³⁰ Para o teólogo e educador Remí Klein, "a narração de histórias aparece como tarefa fundamental em toda a Bíblia e na Educação Cristã, desde o início da Igreja Cristã".³¹ Para Klein, a narração de histórias bíblicas é "um princípio pedagógico, teológico e metodológico por excelência na Educação Cristã com crianças".³²

Além dessa centralidade que a narração exerce na fé cristã, Ponick acrescenta que "só o fato de que as crianças gostam de ouvir histórias bíblicas já é uma contribuição teológica importante para a vida comunitária cristã no sentido de reacender, em nós, pessoas adultas, o gosto por essa prática".³³ Gostar de narrar e ouvir histórias, como diz

²⁶ SMIRNOV, A. A.; GONOBOLIN, F. N. La atención. In: SMIRNOV, A. A. et alii. *Psicología*. México: Grijalbo, 1969. p. 179.

²⁷ WHITE, 2007, p. 169.

²⁸ WHITE, 1997, p. 174.

²⁹ WHITE, 1977, p. 185.

³⁰ A *Teologia narrativa* é um movimento se desenvolveu, em grande parte, nos Estados Unidos e veio a ter um impacto significativo sobre grande parte da teologia de língua inglesa por volta da década de 1970. Baseia-se na constatação de que a Bíblia não apenas faz declarações doutrinárias, mas também conta histórias sobre Deus. A *Teologia narrativa* dedica atenção especial às narrativas ou histórias relacionadas à teologia cristã. MCGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd, 2010. p. 208.

³¹ KLEIN, Remí. A criança e a narração. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, v. 24, jan-abr, 2011a. p. 52.

³² KLEIN, 2011a, p. 43.

³³ PONICK, Edson. *Teologia das e com crianças: características, possibilidades e desafios*. São Leopoldo: EST, 2014. (Tese de Doutorado). p. 75-76.

Ponick, talvez seja “mais uma característica do tornar-se como criança para receber o reino de Deus”.³⁴

Em sua própria experiência religiosa, White relembra, com apenas onze anos de idade, ela ouviu um pastor ler o relato bíblico da prisão de Pedro (Atos 5) de maneira tão impressionante que “os detalhes da história em toda sua realidade pareciam estar passando diante dos meus olhos. Tão profunda foi a impressão causada em minha mente, que jamais esqueci”.³⁵

Essa orientação vai ao encontro do que sugere Maldonado: num sermão, as histórias devem ser contadas de um modo que as pessoas simples as entendam.³⁶ A linguagem empolada, inacessível e prolixa pode até impressionar (resquício de uma época em que falar assim era tido como expressão de sabedoria e elevada erudição) e tomar o tempo alheio, mas não comunica. Porém, é preciso dizer que, segundo os conceitos da teologia narrativa, as histórias não devem forçar uma conclusão por parte das crianças. Quando houver uma preocupação com os “objetivos e compreensões que as crianças devem alcançar ao ouvir essa ou aquela história, estaremos trilhando a tênue linha que separa a narração coerciva da narração libertadora”.³⁷ De acordo com Klein, “a narração não pode ser objeto de coerção”.³⁸

A linguagem simples e acessível

Para incluir crianças, o pregador deve evitar o excesso de abstrações, usando linguagem simples e ilustrações que esclareçam os conceitos teóricos. Fazendo assim, o pregador, segundo White, estará seguindo o exemplo de Cristo, que tomou cuidados “para fazer que os mistérios não mais fossem mistérios, mas verdades claras e singelas! Não há em Sua instrução nada vago [...]”.³⁹ A simplicidade na linguagem é sempre bem vinda. É uma virtude tanto diante dos auditórios mais incultos quanto dos mais instruídos.⁴⁰ Certamente as crianças seriam beneficiadas por essa prática.

A narração de histórias é um método muito apropriado para ser usado com crianças, pois “enquanto o teologizar discursivo ou conceitual é, muitas vezes, difícil para as crianças, uma `teologia narrativa` pode corresponder às suas possibilidades linguísticas e reflexivas”.⁴¹ Um dos objetivos da homilética é encurtar a distância entre o pregador e os

³⁴ PONICK, 2014, p. 76.

³⁵ WHITE, Ellen. *Ministério pastoral: conselhos aos pastores adventistas*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015. p. 182.

³⁶ MALDONADO, Luis. *A homilia: pregação, liturgia, comunidade*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 177.

³⁷ PONICK, 2014, p. 75.

³⁸ KLEIN, 2011a, p. 45.

³⁹ WHITE, Ellen. *Conselhos sobre educação*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002. p. 221.

⁴⁰ WHITE, 2015, p. 195.

⁴¹ ZIMMERMANN, Mirjam, apud PONICK, 2014, p. 71.

ouvintes. Por isso, a eloquência não deve ser o mais elevado objetivo da pregação.⁴² Ellen White desaprovou o uso de "discursos floreados", a "torrente de palavras destituídas de significação", e apelou aos ministros: "Meus irmãos, não vos alceis a alturas em que o povo comum não vos possa seguir [...]".⁴³

A brevidade

São muitas as recomendações de Ellen White para que os sermões não sejam "discursos longos e elaborados", mas "palestras breves e incisivas, isto é, que vão diretamente ao ponto".⁴⁴ A justificativa é que os sermões prolongados "fatigam a resistência do orador e a paciência dos ouvintes". Os pregadores não devem dar às pessoas mais do que elas podem reter.⁴⁵ Em seu tempo, era comum um orador adventista falar por mais de uma ou duas horas. White denunciou que os discursos geralmente tinham "o dobro do que deviam ter".⁴⁶ Como se estivesse falando exclusivamente para professores da educação infantil, White dá aos pregadores uma recomendação perfeita para quem, na pregação, deseja falar também às crianças:

Dai lições curtas, em linguagem clara e simples, e repeti-as muitas vezes. Os sermões curtos serão muito mais lembrados do que os longos. Aqueles que falam devem lembrar que os assuntos que estão apresentando talvez sejam novos para alguns dos ouvintes; portanto, os pontos principais devem ser repassados uma e outra vez.⁴⁷

A brevidade é um item importante na pregação sadia. Em sua tese doutoral, Castro demonstrou a importância da brevidade para que a pregação seja relevante.⁴⁸ Após superar o uso da linguagem desnecessariamente difícil, está na hora dos pregadores fazerem outra revolução: a da brevidade. É a qualidade do argumento, e não o volume de palavras que faz a diferença.

Ao lidar com crianças, o pregador tem o tempo como seu adversário. O que demora demais dispersa facilmente o interesse do ouvinte, independentemente da idade. Por isso, fazer sermões longos é prática fortemente criticada por Ellen White. Diversas vezes ela orientou que os oradores fossem breves, evitando "longos e elaborados discursos", utilizando "pequenas apresentações, diretamente ao ponto", em "linguagem

⁴² WHITE, 2007, p. 153.

⁴³ WHITE, 2007, p. 154.

⁴⁴ WHITE, 2007, p. 167.

⁴⁵ WHITE, 2007, p. 167.

⁴⁶ WHITE, 2015, p. 202.

⁴⁷ WHITE, 2007, p. 168.

⁴⁸ MORAES, Jilton. *O valor da brevidade para a relevância da pregação: ensaio a partir da análise crítica do trabalho homilético de David Mein*. Tese (Doutorado em Teologia). Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. Recife, 1993.

direta e simples”.⁴⁹ Certamente, essas orientações gerais visavam facilitar a compreensão da mensagem por parte dos novos membros e também das crianças. Escrevendo diretamente aos que lidam com jovens e crianças, White repete o mesmo conceito dado aos oradores em geral:

Os que dão instruções à infância e à mocidade devem evitar observações enfadonhas. Falar com brevidade, indo direto ao ponto, terá uma feliz influência. [...] Longos discursos fatigam a mente dos jovens. Falar demasiado levá-los-á mesmo a aborrecer as instruções espirituais. [...] As crianças devem ser atraídas para o Céu, não asperamente, mas com muita brandura.⁵⁰

A pregação nas principais reuniões adventistas (aos sábados) deveria ser breve, deixando tempo para que os ouvintes participassem, dando testemunhos públicos e ações de graça.⁵¹ O sermão não pode sufocar a participação dos membros, impedindo que eles falem sobre sua própria experiência espiritual.⁵² White afirma que não é necessário que o pregador faça “longo sermão e tome a maior parte do tempo destinado ao culto”.⁵³

Certamente, essa orientação favorece a inclusão das crianças como alvo do sermão. Talvez, o seu passado metodista tenha alguma influência nessa orientação de White, que vai na contramão das práticas evangélicas tanto do século XIX quanto de hoje, cujo centro do culto é o sermão, geralmente ocupando a maior parte da reunião.⁵⁴ Curiosamente, a palavra grega utilizada diversas vezes para descrever a pregação e o ensino do primeiro século é *dialogoi* (Atos 17:2,17; 18:4,19; 19:8, 9; 20:7,9; 24:25). Daí vem a palavra “diálogo”. Aparentemente, a pregação na igreja cristã primitiva era mais diálogo que monólogo.⁵⁵

O envolvimento dos pais

Os pais têm uma tarefa essencial para garantir que as crianças se sintam incluídas na pregação. Durante a apresentação do sermão, Ellen White sugere que pais e filhos criem alguma forma curiosa de acompanhar o pregador (anotando os versos bíblicos utilizados, por exemplo). Além disso, o sermão deve servir como o instigador de conversas espirituais entre pais e filhos em casa.⁵⁶ Os pais devem explicar às crianças o

⁴⁹ WHITE, 2005, p. 56.

⁵⁰ WHITE, 2007, p. 208.

⁵¹ WHITE, 2005, p. 361.

⁵² WHITE, Ellen. *Testemunhos para a Igreja*. Vol. 7. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008. p. 18.

⁵³ WHITE, 2005, p. 361.

⁵⁴ Ellen White chega ao ponto de dizer aos adventistas: “Os membros da igreja não devem, porém, esperar um sermão cada sábado”. WHITE, 2008, p. 19.

⁵⁵ BARCLAY, William. *Communicating the Gospel*. Sterling: The Drummond Press, 1968. p. 34-35.

⁵⁶ WHITE, 1977, p. 252.

sermão apresentado no culto, apresentando curiosidades e tirando dúvidas.⁵⁷ O objetivo de White é garantir que a Bíblia não seja um livro enfadonho, mas que atraia e encante crianças e jovens.⁵⁸

Os pregadores podem sugerir algumas atividades às crianças que já sabem escrever, tais como anotar os versos bíblicos mencionados, as palavras desconhecidas, ou alguma palavra-chave. Depois do culto, em casa, os pais utilizam essas anotações para retomar e explicar aos filhos o que foi pregado.⁵⁹ Os pais deveriam explorar em casa os temas levantados no sermão, perguntando: "Você se lembra do que o pastor disse? Teve alguma coisa que ele falou que você não entendeu?"

Essa é uma prática que reflete o costume das famílias de Israel nos tempos bíblicos. A Páscoa, por exemplo, era estatuto para pais e filhos. E quando os filhos perguntassem "que culto é este?", então os pais deveriam contar-lhes a história do Êxodo (Ex 12:24-27). Ou seja, as cerimônias religiosas deveriam ser feitas diante das crianças, de maneira didática. O ensino religioso oferecido às crianças deveria ser em tempo integral (Dt 6:5-9). O objetivo é que os filhos recebessem instrução tal como Timóteo, que, desde a infância, já sabia as "sagradas letras" (2 Tm 3:15). A própria formação da Bíblia está fundada na tradição oral de narrar as histórias da caminhada de Deus com seu povo, de pais para filhos, em ambiente familiar.⁶⁰

A apresentação informal

A formalidade é uma característica indesejável para os sermões inclusivos. Ellen White reprova, como "erro grave", os pregadores que "organizam todas as minúcias" do sermão com tanta exatidão e inflexibilidade que são incapazes de se afastar do plano estabelecido e variar a maneira habitual de um discurso. Os resultados são discursos sem vida, formais. Os sermões lidos são, por esse motivo, vistos negativamente por White.⁶¹

Adequação da forma e do conteúdo aos ouvintes

Outro conceito homilético encontrado nas obras de Ellen White que pode ser útil na pregação para crianças é o da adequação. Ela alerta que nem todas as mensagens "são igualmente apropriadas para as congregações", e recomenda ao pregadores que se esforcem "por apresentar a verdade de um modo que as pessoas estejam preparadas para

⁵⁷ WHITE, Ellen. *Orientação da criança*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010. p. 349.

⁵⁸ WHITE, Ellen. *Parábolas de Jesus*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998. p. 65.

⁵⁹ A inadequação das crianças no culto congregacional público pode ser um reflexo da ausência do culto familiar em casa.

⁶⁰ KLEIN, Remí. A criança, a Bíblia e a história. *Protestantismo em revista*. São Leopoldo, v. 25, maio-ago, 2011b. p. 41.

⁶¹ WHITE, 2007, p. 165.

ouvir e apreciar seu valor".⁶² Essa era uma prática de Jesus, que, segundo White, variava suas mensagens "a fim de ajustar-se ao Seu auditório".⁶³

Essa adequação da mensagem está ligada ao conceito de progressão do conhecimento bíblico. É dever do pregador usar as verdades já conhecidas pelas pessoas como plataformas para o lançamento de outras verdades: "Mostrem-lhes o valor dessas verdades [já conhecidas], e a relação das mesmas com outras que ainda não são compreendidas. Assim se despertará o desejo de maior luz"⁶⁴.

Ao falar da Bíblia para crianças, deve-se levar em conta "a propensão de seu espírito, as coisas pelas quais se interessam, e despertando-lhes o interesse para verem o que diz a Bíblia a respeito dessas coisas".⁶⁵ Além de adequar o conteúdo do sermão aos ouvintes, Ellen White aconselha o pregador a adequar a forma de apresentação (o que envolve cuidados com a voz, a roupa e a gesticulação).⁶⁶

A comunidade só tem a ganhar quando um pregador reflete sobre a importância de uma linguagem apropriada no culto com crianças. Sua mensagem será mais simples, objetiva e compreensível; ele poderá buscar a interatividade e outras formas de comunicação em linguagem multissensorial. Refletindo sobre a questão da adaptação de espaços e encontros institucionalizados às crianças, Ponick afirma que "das narrativas em que Jesus coloca a criança no centro, podemos deduzir que ele espera que elas sejam agentes de reflexão e de transformação da nossa mentalidade adultocêntrica".⁶⁷

Considerações finais

Os antigos conceitos homiléticos de Ellen White parecem ir na direção de conceitos contemporâneos, como a "teologia narrativa", a "teologia da criança" e do que se denomina de "Nova Homilética": uma teoria na qual os ouvintes são o ponto de partida. Nesse conceito, a pregação é entendida como um acontecimento oral, e não meramente literário. O sermão deixa de ser um texto escrito e passa a ser um evento que acontece no tempo (o momento da pregação). Na Nova Homilética, a "prédica é muito mais o resultado final, aquilo que é ouvido, do que as palavras escritas ou mesmo ditas por quem prega".⁶⁸

⁶² WHITE, 2005, p. 55.

⁶³ WHITE, 2015, p. 193.

⁶⁴ WHITE, 2005, p. 55.

⁶⁵ WHITE, 1977, p. 188.

⁶⁶ WHITE, 1997, p. 183.

⁶⁷ PONICK, 2014, p. 92.

⁶⁸ SOUZA, Mauro Batista de. A Nova Homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã. *Estudos Teológicos*. v. 47, n. 1, p. 5-24, 2007. p. 9. Disponível em: <file:///C:/Users/junior/Downloads/458-1778-1-PB.pdf> Acesso em: 22 ago. 2015.

Essa reorientação da pregação a partir dos ouvintes já está presente, ainda que de forma difusa, no conceito homilético de Ellen White. A adequação do conteúdo e da forma de apresentação do sermão ao público, a interatividade, o uso de narrativas, a rejeição da leitura fria e da linguagem rebuscada são uma valorização dos ouvintes. Como afirma Kirst, “prédica não é aquilo que o pregador (emissor) dá de si: prédica é aquilo que acaba se produzindo pela interação dos diversos componentes deste sistema de comunicação”.⁶⁹ Aparentemente, Ellen White já apresentava instintivamente um pouco dessa noção no século XIX.

As colocações de White podem parecer anacrônicas e simplistas. Mas a virtude de suas orientações é inegável. Em estilo direto, White pede que os pregadores façam exposições e aplicações simples das Escrituras, de maneira que atraia, em algum momento, a atenção das crianças. Para a mente calejada de pregadores do século XXI, tais orientações podem parecer distantes da realidade. Mas trata-se de uma voz do passado que nos lembra de que “criança também é gente”, que elas pertencem à comunidade do Reino de Deus, pois o Reino pertence a elas. Ao pedir que os pregadores deixem “um lugarzinho para benefício delas”, Ellen White está apenas reivindicando um *direito* das crianças.

Referências

BARCLAY, William. *Communicating the Gospel*. Sterling: The Drummond Press, 1968.

DOUGLASS, Herbert. *Mensageira do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

FASSONI, K.; DIAS, L.; PEREIRA, W. *Uma criança os guiará: por uma teologia da criança*. Viçosa: Ultimato, 2010

KIRST, Nelson. *Rudimentos de homilética*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1985.

KLEIN, Remí. A criança e a narração. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, v. 24, jan-abr, 2011a. p. 42-61.

_____. A criança, a Bíblia e a história. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, v. 25, maio-ago, 2011b. p. 40-58.

MALDONADO, Luis. *A homilia: pregação, liturgia, comunidade*. São Paulo: Paulus, 1997.

MCGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd, 2010.

⁶⁹ KIRST, Nelson. *Rudimentos de homilética*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1985. p. 32.

MORAES, Jilton. *O valor da brevidade para a relevância da pregação: ensaio a partir da análise crítica do trabalho homilético de David Mein*. Tese (Doutorado em Teologia). Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. Recife, 1993.

PONICK, Edson. *Teologia das e com crianças: características, possibilidades e desafios*. São Leopoldo: EST, 2014. (Tese de Doutorado).

SEGURA, Harold; PEREIRA, Welinton (orgs.). *Para falar de criança: teologia, bíblia e pastoral para a infância*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012.

SMIRNOV, A. A; GONOBOLIN, F. N. La atención. In: SMIRNOV, A. A. et alii. *Psicología*. México: Grijalbo, 1969. p. 179.

SOUZA, Mauro Batista de. A Nova Homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã. *Estudos Teológicos*. v. 47, n. 1, p. 5-24, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/junior/Downloads/458-1778-1-PB.pdf> Acesso em: 22 ago. 2015.

WHITE, Ellen. *Conselhos sobre a Escola Sabatina*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

_____. *Conselhos sobre educação*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

_____. *Educação*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977.

_____. *Evangelismo*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

_____. *Ministério pastoral: conselhos aos pastores adventistas*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

_____. *Obreiros evangélicos*. Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. *Orientação da criança*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

_____. *Parábolas de Jesus*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998.

_____. *Testemunhos para a igreja*. Vol 6. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. *Testemunhos para a Igreja*. Vol. 7. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.